

NOTÍCIA DE JORNAL IMPRESSO E A RELAÇÃO ENTRE
A LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL

Maria da Conceição FONSECA-SILVA (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)
Jorge Viana SANTOS (Universidade Estadual de Campinas/
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)

ABSTRACT: *In this work we postulate that verbal and non-verbal languages operate as interdependent symbolic materialities in the news; and also we argue that this interdependency don't implies neither complementary relationship nor determination relationship of a domain over another in the intra- and interdiscursive play of the newspaper news.*

KEYWORDS: *verbal and non-verbal languages; news; newspaper*

0. Introdução

Nos estudos sobre gênero textual, grande parte dos autores tomam como base o conceito de gênero estabelecido por Bakhtin (1953), segundo o qual gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados nas diferentes esferas sociais de utilização da língua. Esta utilização se dá em forma de enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas tanto pelo conteúdo quanto pelo estilo verbal como pela sua construção composicional.

Bonini (2002) sugere que existem diferentes níveis de imbricação entre gênero e suporte e que o jornal, além de suporte, se faz como um grande gênero (hiper gênero) composto de outros (os intragêneros), que constituem-se uns em relação aos outros e em relação ao todo do próprio jornal, tanto em termos dos propósitos comunicativos que compartilham quanto em termos da configuração formal (ou estrutural).

Neste trabalho, considerando o gênero textual como fenômeno social e histórico, discutimos questões relacionadas à composição do gênero notícia no jornal impresso e a relação entre linguagem verbal e não verbal. A partir da análise do *corpus* constituído por exemplares da Folha de S. Paulo, questionamos posicionamentos teóricos que concebem a relação entre esses dois tipos de linguagens como sendo, exclusivamente, de autonomia, dependência ou complementaridade, e postulamos que na textualização da notícia no jornal impresso essas linguagens desempenham uma função constitutiva. Mantêm uma complexa relação simbólica de textualização e de significação, ou seja, esses dois domínios semióticos funcionam na notícia – enquanto gênero textual que faz parte da constituição de um “hiper gênero”: o jornal – como materialidades simbólicas interdependentes. Pretendemos, preliminarmente, mostrar, pois, a partir de dois exemplos selecionados, que a interdependência desses diferentes domínios não implica nem relação de complementaridade e nem relação de determinação de um domínio sobre o outro no jogo intra e interdiscursivo da notícia do jornal impresso.

1. Notícia no espaço do jornal

O aparecimento do jornal impresso se dá por volta do Século XVII (cf. Lage 1999:10 e Beltrão 1992:38). Em função do complexo desenvolvimento da sociedade, as necessidades de informação – e outras relativas ao jornal – foram se complexificando e, com elas, os respectivos textos, que, a partir de um diálogo¹ foram compondo, dentro de um gênero maior – diríamos, de um “hiper gênero” – gêneros componentes menores, entre os quais se destacava a *notícia* como um dos gêneros jornalísticos básicos.

A notícia, enquanto gênero inserido no jornal, desde os primórdios mobilizava, simultaneamente, na sua textualização, mais de uma linguagem: a verbal escrita; outras não verbais, como as visuais do *lay out*, da tipografia, das ilustrações, dos desenhos, e, mais modernamente, fotografias e infográficos.

¹ No sentido bakhtiniano do termo.

Definida como "relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato a partir do aspecto mais importante ou interessante" (Lage 1999:16), a notícia constitui um gênero textual que, para se textualizar no contexto do jornal impresso, o faz a partir de um trabalho particular de semiotização, ou seja, o verbal convive com o não-verbal, sob pena de não atender às exigências funcionais do jornal enquanto um texto, ou melhor, um gênero textual, que visa à comunicação social.

Vários estudiosos têm se dedicado ao problema. Tal é o caso de Barthes (1990) que entende que a linguagem verbal desempenha o papel de controlar a conotação da imagem, através da chamada função de *fixação*, ou de agir em complementaridade com ela, mediante a função de *relais*.

Ao tratar da relação entre a linguagem verbal e a não verbal da imagem envolvendo preeminência de uma ou outra, Joly (1996:115ss) defende a complementaridade como forma avançada de compreender a relação imagem - texto. Para a autora, "imagens mudam textos, textos mudam imagens" (p.131).

Lage (1986:25-26), por sua vez, discute sobre as características da fotografia jornalística e de sua linguagem visual, destacando o fato de, historicamente, esta ser, não poucas vezes, tomada, como se fosse um elemento auxiliar, ilustrativo da notícia escrita.

Já Duarte (1998:147-148), ao fazer um estudo semiótico da relação palavra - fotografia em textos jornalísticos, enfatiza que as relações possíveis entre as linguagens de ambas são ou de autonomia, ou de dependência. Partindo do pressuposto de que a linguagem verbal poder dar conta de certas limitações da linguagem não verbal, visual, da imagem fotográfica, afirma que a comunicação envolvendo a linguagem não verbal dificilmente pode prescindir da linguagem verbal.

Outros autores como Santaella e Nöth (1999) discutem a relação palavra-imagem, no âmbito da Semiótica peirciana, e salientam que "(...) o código hegemônico deste século não está nem na imagem, nem na palavra oral ou escrita, mas nas suas interfaces, sobreposições e intercursos, ou seja, naquilo que sempre foi domínio da poesia". Price (1994: 5-6), por outro lado, assume uma postura radical ao postular que o ato de descrever verbalmente a imagem fotográfica, seja por qualquer tipo de texto, é que permite o ato de vê-la, de interpretá-la.

A partir das abordagens desses autores, podemos assinalar, em princípio, que há pelo menos três posições clássicas, quanto ao entendimento e consideração da relação entre o verbal e o não verbal envolvendo a notícia e a fotografia no jornal impresso: a posição dos que defendem a **autonomia** entre linguagem verbal e linguagem não verbal; a posição dos que defendem a **dependência**, segundo a qual a linguagem não verbal é tomada como que ocupando uma função ancilar, dependente de ser descrita, ou determinada, pela verbal; e a posição dos que defendem a **complementaridade**, caso em que um tipo de linguagem complementa, completa, o sentido da outra.

Apesar da importância de cada um desses posicionamentos, deslocamos o eixo da discussão para outra perspectiva, mais precisamente para a perspectiva da análise de discurso e defendemos que no jornal impresso, a notícia e a linguagem não verbal exercem, em conjunto, uma **função constitutiva**, tanto no nível intra quanto no nível interdiscursivo. Nesse sentido, podemos dizer que um dos sustentáculos do jornal é o gênero notícia que pode ser considerado complexo (composto de sub gêneros tais como a manchete, o título, a entrevista) e catalisador para outros gêneros, que compõe o hiper gênero jornalístico. Por exemplo, é a notícia que a manchete se refere. Mas, inversamente, conforme o tipo de manchete, uma notícia ganha ou perde em relevância: a linguagem aqui, não verbal, é, além da verbal, a tipográfica, ou mais propriamente de *design* gráfico. É a notícia que gera a charge, mobilizando a linguagem do desenho, ainda que, depois, a charge ultrapasse o limite material do jornal, vindo a figurar, por exemplo, num livro, não deixará de estar marcada pelo contexto noticioso em que apareceu pela primeira vez no jornal². Até mesmo um editorial, gênero cuja linguagem verbal é marcada pela argumentação, não prescinde, no mais das vezes, de referir-se a notícia(s) em pauta no jornal. A fotografia jornalística, com sua linguagem visual específica, longe de apenas ilustrar a notícia, participa dela. E, muito recentemente, os infográficos aliam ao verbal da notícia a plasticidade, um dinamismo quase tridimensional da TV.

2. Constitutividade exemplificada: notícia e imagem fotográfica

² Prova disso é que, mesmo em livros de charges, indica-se o jornal e data da publicação, ficando por conta do leitor a (re)contextualização por remissão histórica.

Destes exemplos, tomemos para ilustração um caso, o da fotografia jornalística, a partir de uma questão: De que modo a linguagem verbal da notícia se articula com a não verbal visual da fotografia?

Observamos que a chamada da notícia, a foto e a legenda que acompanha esta funcionam como chamariz, mas a foto, geralmente, aparece discursivamente fora de sincronia com a redação da notícia que a acompanha. Podemos dizer, então, que as fotos instauram um texto à parte, evidenciando que as imagens no jornal, ao lado da própria diagramação, constituem um plano discursivo autônomo com relação ao plano verbal?

As análises a que procedemos³ têm revelado um papel fundamental exercido pelas legendas. Observamos que a legenda, aparece no jornal impresso como uma materialidade que, geralmente, apresenta uma estrutura paralela à da notícia, preocupando-se em especificar dados ligados ao acontecimento, referindo elementos de um *lide*: *o que, quem, onde, quando*. Não sendo a notícia, e estando relacionada ao mesmo tempo ao verbal e ao visual, podemos observar que a legenda, na sua dimensão discursiva, possui estratégias próprias de criar relacionamentos entre as linguagens verbal e a visual da fotografia, enquanto materialidades simbólicas de significação.

Verificamos na amostra de legendas a recorrência destacada dos operadores temporais: *após, durante, antes de, depois de*. Essas palavras, e suas variantes, classificadas pela Lingüística como preposições e locuções prepositivas, ou advérbios temporais, por exemplo, por Pontes (1992), Fiorin (2001) e Neves (1992), aparecem funcionando de modo que não apenas relacionam uma frase ou segmento de frase a outro, mas sobretudo, estabelecem uma organização que pode ser particular da legenda. Isto porque, nas legendas onde tais operadores aparecem, configura-se – praticamente em todos os casos - a seguinte estrutura: a um primeiro segmento, predominantemente descritivo/qualificativo daquilo que **é visto** na imagem; segue-se um segundo segmento predominantemente narrativo daquilo que **não é visto** nela. Por sua vez, esse último segmento vem introduzido, via de regra, por um dos operadores supracitados. Por exemplo, a foto 1 (Flávio Florido/ Folha Imagem - 03/06/2004), foi publicada com a legenda *Ronaldo é abraçado por Kaká, Juninho Pernambucano e Luis Fabiano após marcar o primeiro gol contra a Argentina*.



Fig. 1

Podemos observar, nesse sentido, que a imagem corrobora o primeiro segmento: há uma correlação entre o verbal e o não verbal. A foto mostra tão-somente um fato captado num lapso de tempo, o qual acha-se articulado com o primeiro segmento textual; não obstante, o texto verbal ao introduzir o segundo segmento com a preposição *após* cria uma espécie de *fora-do-quadro*⁴ narrativo *sui generis*: é verbal e visual ao mesmo tempo. Verbal, óbvio, pelo uso da língua, organizando o enunciado. Visual, não tão óbvio, porque a narrativa seguinte ao *após* não se apresenta separada do primeiro segmento que, por sua vez, existe enquanto parte do texto da legenda vinculado, referencialmente, aos elementos visuais presentes na foto. Trata-se de um *fora-do-quadro* contextualizador: cria para o leitor a possibilidade de, vendo apenas uma imagem - a foto presente -, visualizar um quadro virtual, ou cena, com elementos espacial e temporalmente não expressos na imagem.

Um outro exemplo é a foto 2 (de Essam al-Sudani/France Presse – 06/08/2004) relacionada à seguinte legenda: *Seguidores do xiita Moqtada al Sadr, que voltaram a promover ataques contra americanos após trégua de 2 meses*.

³ Ver, por exemplo, Santos (2003).

⁴ Sobre a noção de fora-do-quadro, ver Dubois (1994).



Fig. 2

Podemos observar que o binômio *segmento visto* articulado espaço-temporalmente por meio do **após** ao *segmento não visto* podem funcionar criando, referindo, um *fora-do-quadro* contrastante. O visto pode não condizer com o dito e vice-versa. Enquanto a leitura da palavra pede uma direcionalidade (da esquerda para a direita), a da imagem é multidirecionada, dependendo do olhar de cada "leitor".

Como esse *fora-do-quadro*, introduzido pelos operadores temporais é verbal (narrativo) e visual ao mesmo tempo, além de combinar espaço e tempo, possibilita uma espécie de "controle" por parte do jornal, enquanto instância institucional, do olhar do leitor, alimentando o mito da transparência da língua e da imagem e da evidência de sentido.

Enfim, essas imagens funcionam como operadores de simbolização e de memória no sentido de Davallon (1999) e de Pêcheux (1999), comportando nelas mesmas um trajeto interdiscursivo, um jogo de memória.

3. Colocações finais

Este trabalho é um ponto de partida para discussões sobre a relação entre a notícia, enquanto gênero de jornal impresso, e a linguagem verbal e não verbal.

A análise da amostra experimental indica que a legenda situa-se física e conceptualmente como um signo entre o verbal (notícia) e o visual (fotografia). Uma parte "ancora-se" na imagem e outra na situação noticiada. Além disso, funciona como uma materialidade simbólica de significação complexa que cria no jornal impresso, especificamente nos limites textuais do gênero notícia, uma possibilidade de *extrapolação de linguagens*.

As legendas empregam normalmente os operadores de tempo e o *agora* do tempo lingüístico ancora-se também no *agora* do tempo da imagem. Mas grande parte da literatura que trata da notícia reduz a linguagem não verbal ao verbal, produzindo um efeito de transparência da linguagem, de objetividade e de informação.

RESUMO: Neste trabalho, postulamos que a linguagem verbal e a não verbal funcionam como materialidades simbólicas interdependentes, na notícia; e que essa interdependência não implica nem relação de complementaridade e nem relação de determinação de um domínio sobre o outro no jogo intra e interdiscursivo da notícia do jornal impresso.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem verbal e não verbal; notícia; jornal

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética de la creación verbal*. México: Siglo Veintiuno, 1953.
BELTRÃO, L. *Iniciação à filosofia do jornalismo*. São Paulo: Edusp, 1992.
BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
BONINI, Adair. Metodologias para o estudo dos gêneros textuais: como estudar o encaixe dos gêneros no jornal. In: *Anais do 5º Encontro do CELSUL*. Curitiba: CELSUL/UFPR, 2002.

- DAVALLON, J. A imagem, uma arte da memória? In: ACHARD, P. et. al. (orgs.). *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- DUARTE, E. B. Sobre o texto fotográfico. In: OLIVEIRA, A.C. e FECCHINE, Y. (eds.). *Imagens técnicas*. São Paulo: Hacker, 1998.
- DUBOIS, P. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1994.
- FIORIN, J.L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 2001.
- JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.
- LAGE, N. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1999.
- LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.
- LIMA, I. *A fotografia é a sua linguagem*. São Paulo: Espaço e tempo, 1988.
- NEVES, M.H.M. Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: Ilari, R. (org.). *Gramática do Português falado - vol.2*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et. al. (orgs.). *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- PONTES, E. *Espaço e tempo na Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.
- PRICE, M. *The photograph: a strange confined space*. Stanford: Stanford University Press, 1994.
- SANTAELLA, L. e NÖTH, W. *Imagem*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- SANTOS, J.V. O processo de textualização do gênero notícia no jornal impresso: relações intersemióticas entre a linguagem visual da fotografia jornalística e a linguagem verbal da legenda. In: *Anais do XXVI Congresso Intercom*. Salvador: Intercom, 2003.